

AS CONCEPÇÕES DE ESPAÇO A PARTIR DO CRONOTOPO, DE BAKHTIN, E DA POÉTICA DO ESPAÇO, DE GASTON BACHELARD.

Breno Rodrigues de Paula, Luiz Gonzaga Marchezan. – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de ciências e Letras – Campus de Araraquara.

O presente trabalho divide-se em duas partes: na primeira parte, analisamos a interligação das relações entre espaço, tempo e ação na narrativa literária a partir do conceito de *Cronotopo*, desenvolvido por Bakhtin. Na segunda parte, analisamos as características da projeção espacial e a função do espaço simbólico dentro da narrativa a partir do conceito de poética do espaço, desenvolvido por Gaston Bachelard. Abordamos, na primeira parte, a relação da teoria da Relatividade Restrita, de Einstein, em específico o conceito de espaço-tempo, com os componentes conteudísticos do *cronotopo* artisticamente assimilado em literatura, como também a análise dos componentes do discurso ação, tempo e espaço nas relações entre enunciador/enunciatório e interlocutor/interlocutário dentro da estrutura formal da narrativa. Estudamos, na segunda parte, as características do espaço dentro da narrativa, tais como ambientação franca, ambientação reflexa e, em específico, as características do espaço simbólico a partir de uma poética do espaço e a sua capacidade de influenciar a compreensão semântica do texto. Para tanto, utilizo a análise de espaços instaurados a partir da projeção espacial do conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe, e o romance *O Processo*, de Franz Kafka.

De acordo com a Teoria da Relatividade Restrita, de Einstein, o espaço é quadridimensional. Existem três coordenadas do espaço e mais uma quarta que é o tempo, formando o espaço-tempo. Logo, o espaço e o tempo têm uma relação intrínseca. Segundo Einstein, no que se refere ao *espaço-tempo*, um é indissociável do outro. Bakhtin no seu estudo sobre *O Cronotopo* (tempo-espaço) transpõe os conceitos da Teoria da Relatividade Restrita para a obra literária. Ele afirma que, assim como no mundo físico, “há a expressão de indissolubidade do espaço e tempo na narrativa literária” (Bakhtin, 2002, p. 211).

Bakhtin define o *Cronotopo* como categoria conteudística - formal da literatura, de modo que os gêneros e as variedades de gêneros são determinados justamente pelo *cronotopo*, sendo que em literatura, o princípio condutor do *cronotopo* é o tempo. (Ibidem, p. 212) Bakhtin afirma que o *cronotopo*, como categoria conteudística - formal da literatura, determina também a imagem do indivíduo na literatura; essa imagem é fundamentalmente cronotópica. (Ibidem, p. 212) Ou seja, para que se possa retratar a figura, como por exemplo, de um sábio Rei, deve-se levar em consideração as características espaço - temporais que melhor retratariam - no, tais como um imponente castelo (conteúdo espacial) e a idade, por ser sábio, de aproximadamente quarenta anos (conteúdo temporal). Bakhtin estuda as características conteudísticas do espaço-tempo, na narrativa, desde o romance grego, passando pela obra *Apuleio* e *Petrônio*, biografias e autobiografias antigas, nos romances de cavalaria e nas obras de Rabelais, com o intuito de apresentar a evolução do romance a partir de características cronotópicas.

Bakhtin transpõe conceitos da Teoria da Relatividade Restrita para a literatura com o intuito de identificar as constituições conteudísticas da narrativa literária a partir de componentes espaço - temporais, surgindo o conceito artístico-literário *Cronotopo*. No que concerne ao conteúdo artístico-literário, as observações de Bakhtin se apresentam concludentes. Contudo, ao transpormos os conceitos da Teoria da Relatividade Restrita para o campo formal da representação do discurso literário, verifica-se, ao analisarmos as relações entre enunciador/enunciatório e entre interlocutor/interlocutário, que há uma relação intrínseca entre tempo e ação.

A projeção espacial, dentro da narrativa literária, é instaurada pelo enunciador e desta forma ela se insere no contexto da relação entre enunciador e enunciatório. É o enunciador que ordena a ação e o espaço onde se passa a ação. Quando o enunciador projeta o espaço, a ação dos personagens para e o tempo se contrai, é como se o tempo cronológico da ação parasse. O espaço torna-se explicitado na narrativa. Nesta relação, ele pode ser constituído a partir de uma ambientação. Nas palavras de Osman Lins, por ambientação entende-se o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a

provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. (1976, p. 77) O autor separa a ambientação entre franca e reflexiva.

A ambientação franca trata-se daquela ambientação composta por um narrador independente, que não participa da ação e se pauta pelo descritivismo. (Lins, 1976, p. 20) Na ambientação, o narrador introduz o espaço de forma pura e simples. (Ibidem, p. 79) Na ambientação reflexa, “as coisas” são percebidas através do personagem. (Ibidem, p. 82) Ela é típica das narrativas de terceira pessoa. Em ambas as ambientações, a construção do espaço pauta-se num descritivismo que tem por objetivo a máxima correlação mimética com os espaços físicos, inseridos dentro do contexto social, histórico e cultural. “O delineamento do espaço, a partir de uma ótica realista, puramente descritivista, processado com cálculo, cumpre a finalidade de apoiar as figuras e mesmo de as definir socialmente de maneira indireta” (Ibidem, p. 70).

Na relação entre interlocutor e interlocutário não se verifica a relação entre *tempo-espaço* (*cronotopo*). Com a utilização do discurso em forma de diálogos, a projeção espacial se torna implícita, ela fica subentendida, restando apenas a ação por meio do discurso. O tempo é originado pelo tempo do discurso, criando uma relação intrínseca entre projeção actorial e projeção temporal, como no caso dos textos dramáticos nos quais o espaço é estático e apresenta-se somente no espetáculo. Nos textos dramáticos, existe apenas a interação entre interlocutor e interlocutário. A ação desenvolve-se por meio de diálogos e não há a figura do enunciador, único que tem a capacidade de instaurar marcos espaciais.

Dentro da relação formal dos componentes estruturais do discurso da narrativa, a ação se correlaciona com o tempo. A projeção espacial se relaciona de forma autônoma com o tempo e com a ação. Na relação conteudística das categorias formais da literatura, pode-se agrupar diversos pares espaço-tempo, como feito por Bakhtin no cronotopo, espaço-ação, ação-tempo, para uma melhor compreensão dos fatos. No entanto, podem-se isolar alguns destes aspectos e estudá-los separadamente como é o caso da projeção espacial, que tem a capacidade de oferecer à obra literária uma enorme carga de significado, podendo ampliar as perspectivas semânticas da obra.

O espaço (projeção espacial), na narrativa literária, não é meramente onde se passa ou se sustenta à ação. Ele tem características que possibilitam seu estudo a partir de uma poética do espaço. O conceito de poética do espaço, aplicado aqui na toposemântica da narrativa literária, difere-se da poética do espaço formulada por Bachelard, no que se refere à aplicação das análises. Bachelard utiliza determinadas figuras de espaço, de maneira fenomenológica, para metaforizar determinadas condições psíquicas específicas do ser humano. Ao analisar as características do espaço no sonho e no devaneio poético, Bachelard formula o conceito de Topoanálise.

Bachelard não diferencia, por convicção, o sonho do devaneio poético. Para ele, condições psíquicas humanas apresentam-se, no sonho e na poesia, através do espaço. Por isso, o autor faz uma topoanálise dos espaços. Tais estudos podem ser úteis no estudo da semântica do texto e na compreensão do subtexto através da toposemântica.

Na toposemântica, o espaço tem uma função importante na compreensão semântica do texto. Ele tem a capacidade de ampliar a perspectiva semântica do texto. A partir do significado simbólico do espaço, pode-se adentrar nas características do subtexto. Logo o conceito de poética do espaço, aqui empregado, é o estudo da toposemântica da projeção espacial a partir da análise dos espaços, ou de um único espaço simbólico recorrente, como, por exemplo, a figura do porão no conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe, e dos grandes espaços labirínticos no romance *O Processo*, de Franz Kafka.

Segundo Bachelard, o porão é o “ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas e a imagem dele representa a irracionalidade das profundezas.” (1989, p. 36-37) No conto “O gato preto”, de Poe, a figura do porão na projeção espacial confere uma enorme carga simbólica ao todo do conto. É no porão que é ocultado o cadáver e é neste espaço que o personagem perde sua racionalidade, como podemos na seguinte passagem:

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numas tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa podreza nos obrigava a morar (...) Tomado, então, de fúria demoníaca, librei o braço

do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido (Poe, 2003, p. 46-47).

Assim como dito por Bachelard acima, o porão na obra de Poe, confere uma enorme carga simbólica que possibilita a interligação entre o texto e o subtexto. O porão é um símbolo das profundezas, da irracionalidade, das trevas. Assim como a figura do porão projetada na narrativa literária assemelha-se as características maléficas humanas:

Pensamentos maus converteram-se em meus únicos companheiro, os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade (Poe, 2003, p. 46).

Logo, o espaço amplia a percepção do significado da ação por parte do receptor da obra, ao estender as suas características simbólicas para a ação, ou no caso do conto, para o personagem. As características do personagem e do espaço se misturam de forma associativa, se mesclam.

A representação do espaço, para Poe, é feita através de espaços que tem um alto valor simbólico. O próprio Poe discorre sobre tal valor na seguinte passagem:

O ponto seguinte, a ser considerado, era o modo de juntar o amante como corvo: e o primeiro drama desta consideração era o local. Para isso, a sugestão mais natural seria a de uma floresta, ou dos campos: mas sempre me pareceu que uma circunscrição fechada do espaço é absolutamente necessária para o efeito do incidente insulado e tem a força de uma moldura para um quadro. Tem indiscutivelmente força moral, para conservar concentrar a atenção e, naturalmente, não deve ser confundida com a mera unidade de lugar (Idem, 1987, p. 118.).

Na projeção espacial, verificada nas obras de Poe, o espaço é circunscrito. Ele quase que “esmaga” as personagens por ser muito reduzido, delimitado e com um alto valor simbólico. O próprio autor, na passagem acima, afirma que o espaço tem uma força simbólica e que ele não pode ser confundido com a mera unidade de lugar.

No romance **O Processo**, de Franz Kafka, a imensidão do espaço parece “engolir” as personagens que se tornam insignificantes perante ele. O espaço tem o “poder” de determinar as ações e as características humanas. Joseph K. perde-se na imensidão dos corredores do Tribunal:

Era um longo corredor de portas grosseiramente trabalhadas que davam acesso aos compartimentos individuais do sótão. Embora não existisse iluminação direta, a obscuridade era completa, pois vários compartimentos estavam separados do corredor não por paredes inteiriças de tábuas, mas por meras grades de madeira, que, no entanto, chegavam ao teto, através das quais penetrava alguma luz e se podia ver funcionários sentados às suas mesas, escrevendo, ou em pé junto à grade, observando pelas frestas as pessoas no corredor (Kafka, 2001, p. 81).

Tais corredores se tornam um labirinto onde a racionalidade e as perspectivas horizontais humanas são perdidas:

- Será que o senhor já está perdido? – Perguntou atônito o oficial de justiça. – Vá por aqui até a esquina do corredor e depois vire à direita em direção à porta.
- Venha comigo - disse K. – Mostre-me o caminho, vou errá-lo, aqui há tantos caminhos (Ibidem, p.85).

É a partir do estudo das características do espaço que podemos chegar ao sentido, ao subtexto da obra que é a submissão às relações jurídicas frente às relações sociais, o poder degradante das Leis e à impotência do indivíduo perante as complexas e labirínticas Leis. A ação de K. em descobrir do que ele é culpado e, principalmente, quem o culpa faz com que sua busca se torne vã e com que suas ações e

deslocamento nos prédios jurídicos acabem por ressaltar a sua impotência frente à Lei. Os prédios são verdadeiros labirintos que fazem com que K. se perca ainda mais na sua busca.

O poder é representado simbolicamente pelo espaço no mini conto “Diante da Lei”, que figura dentro da obra. “A Lei fica numa sala e diante dela fica um guarda que impede as pessoas de entrarem lá dentro da Lei” (Kafka, 2001, p. 261.). O espaço é aqui representado como algo que concentra valores simbólicos. O fato de ninguém poder entrar na sala representa o fato de que ninguém pode entrar na Lei. Aqui o espaço não é, meramente, onde se desenvolve a ação é antes onde se concentra uma grande força simbólica com uma alta carga semântica que auxilia na compreensão dos fatos.

Na análise da relação entre espaço, tempo e ação, na narrativa literária, deve-se levar em consideração fatores da interação entre interlocutor/interlocutário tais como a relação intrínseca entre o tempo e a ação e a supressão do espaço, quando há a utilização de diálogos. Na interação entre enunciador e enunciatário tem-se uma poética do espaço, quando a projeção espacial tem um grande valor simbólico e, conseqüentemente, a capacidade de ampliar as perspectivas semânticas da obra. A partir da topoanálise de determinados espaços da projeção espacial, pode-se chegar aos subextratos do texto, isto é ao significado interno do texto. O estudo de características simbólicas de determinados espaços auxilia na compreensão dos personagens e, até mesmo, da ação, como verificado no conto “O gato preto”, de Poe, e no romance *O Processo*, de Kafka, no qual o estudo do porão e do labiríntico tribunal respectivamente, auxilia na compreensão de toda a amplitude da perspectiva semântica destas obras. As características simbólicas do espaço estendem-se e se mesclam ao personagem, assim como a figura do porão projetada na narrativa literária assemelha-se as características maléficas humanas, no conto de Poe. O espaço tem o “poder” de determinar as ações e as características humanas. Joseph K. perde-se na imensidão dos corredores do Tribunal, no romance de Kafka.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estética e literatura**. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- LURIA, Alexandr. **Pensamento e linguagem: as ultimas conferencias de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- POE, Edgar Allan. O gato preto. In: _____. **Historias extraordinárias**. São Paulo: Abril, 2003. p. 39-50.
- POE, Edgar Allan. **Poemas e ensaios**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- RUSSEL, Bertrand. **ABC da teoria da relatividade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1960.
- SCHEMBERG, Mário. **Pensando a física**. São Paulo: Landy, 2001.